



ESTAMIRA: ENTRE LUCIDEZ E A LOUCURA

Gabriel Borges Martins¹

Orientador: Marcos Vinicius Santos da Costa²

Resumo: *Como proposta de análise e pesquisa temos o documentário Estamira, do diretor Marcos Prado, exibido em uma sessão do Projeto Fissura, que conta a história de uma catadora de lixo do Rio de Janeiro diagnosticada com o quadro de psicopatologia e considerada louca. A personagem carrega consigo um discurso veemente e com propriedade, apresentando traços de lucidez, desse modo, fomentando o debate sobre sua condição mental analisando suas falas e ações, considerando os fatores sociais e o meio que está inserida. Devido às condições de vida precárias, Estamira sofre com o descaso e mostra uma realidade de abandono e esquecimento, convivendo com outros homens e em meio ao lixo, dialoga com o meio que vive e com sua existência.*

Palavras-chave: Estamira. Loucura. Razão.

Introdução

Após a exibição do documentário Estamira, em uma sessão do Projeto Fissura, levantou-se a discussão a respeito da suposta loucura da personagem principal título. Com os debates acerca do assunto junta-se o conhecimento do assunto.

Objetivos

Procura-se debater até onde se pode afirmar o diagnóstico de não lucidez da personagem, analisando seu discurso, verdadeiro e em certos pontos coeso, em meio uma sociedade contemporânea marcada pela grande produção de lixo e uso maléfico, contínuo e crescente, do poder.

Metodologia

A partir da exibição do documentário buscou-se debater a narrativa de Estamira, a ponto de questionarmos a loucura e como ela é tratada na contemporaneidade. A obra certamente é provocativa e instiga a reflexão acerca do mundo e das práticas humanas que também desumanizam o ser. Então, desde o debate ocorrido na sessão procurou-se problematizar as inquietações e a história da personagem, a fim de compreender a origem de seus problemas e como ela veio parar naquele ambiente com tais convicções. Busca-se ir além dos debates e conversas em sala de aula, então, usando de leituras e pesquisa sobre o assunto, damos início à caminhada almejando conclusões com respaldo na filosofia de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guatari, embora ainda não contempladas no seguinte material.

¹ Acadêmico do 2º Período de Licenciatura em Filosofia, IESSA, gabrielmartins0130@gmail.com

² Pós-graduando em Filosofia para Ensino Médio, UEPG, m_vinicius.costa@hotmail.com.

Resultados parciais e discussão

Estamira apresenta-se inconformada com o mundo em que vive, fala a respeito do homem moderno, que se preocupa demais com coisas banais, que não vive verdadeiramente, mas que leva seus dias sobrevivendo, consumindo exacerbadamente. Fala com clareza sobre pessoas que controlam outras, poderosos da sociedade capitalista que dão subsídios a poucos deixando a maioria na miséria. Sua fala é articulada, defende com todas suas forças os seus ideais e expõe uma crítica forte sobre o destino do lixo do Rio de Janeiro e os dispositivos de controle e dominação sociais.

Mesmo inserida em uma situação de miséria, Estamira afirma que onde vive é onde deve viver. Não lhe falta alimento e ela diz gostar do seu trabalho como catadora de lixo, embora seus filhos mantenham a postura relutante em deixar que a mãe viva nas dadas condições, morando em uma casa improvisada e utilizando daquilo que encontra em meio ao lixo. Uma das prerrogativas do tratamento de pessoas diagnosticadas como loucas é a reinserção na sociedade:

O objetivo final, ou seja, a cura, pode até ser conceituado de maneiras diferentes, mas, raramente, escapa à noção de (re)adaptação a um mundo do qual ele não faz parte ou ao qual se mostra estranho (SILVEIRA e BRAGA, 2005, p. 592).

Porém, cabe ressaltar, que nos é apresentado no documentário o tratamento que Estamira recebia. Ela ia periodicamente ao posto de saúde receber seus remédios de uso controlado, mostrando que o interesse real não era um acompanhamento de caso, mas um “cuidado” geral.

Tomando como referencial um dos estudos de Foucault acerca da psiquiatria e como ela foi tratada a partir de seus precursores, analisamos a seguinte afirmativa:

Os lugares reconhecidos como terapêuticos eram primeiramente a natureza, pois que era a forma visível da verdade; tinha nela mesma o poder de dissipar o erro, de fazer sumir as quimeras. As prescrições dadas pelos médicos eram de preferência a viagem, o repouso, o passeio, o retiro, o corte com o mundo vão e artificial da cidade. (FOUCAULT, 2010, p. 120-121)

Estamira dizia viver e não sobreviver, encontrava em sua vida paz e satisfação. Pode-se concluir que o próprio lixão era o ambiente que ela encontrou para refugiar-se e encontrar ali sua verdade. Embora não seja o melhor dos ambientes para se viver, após os traumas adquiridos, encontrara em meio à invisibilidade e rejeição, cenário do lixo, o lugar afastado dos homens, aqueles que ela refere-se como “poderosos ao contrário”, aqueles que a dominam por dispositivos normativos e controladores. Sua compreensão de mundo é a partir daquela em que vive, seu contexto social contribui para a própria desconstrução do homem e das suas relações com o espaço e também com a religião.

Não nos compete afirmar com certeza o quadro psicológico de Estamira, ela tem em suas palavras diversos conceitos e falas com muito significado e validade. A mesma explica que o homem não nasceu mau por natureza, são hábitos adquiridos por convívio em sociedade, mas não qualquer sociedade, e sim aquela que é regida por homens perversos. Seu discurso tem um teor reflexivo e filosófico, não podendo ser descartado. Isso remonta um pensamento grego antigo, defendido por Sócrates e Platão de que: “Era através do delírio que alguns privilegiados podiam ter acesso a verdades divinas”. (SILVEIRA e BRAGA, 2005, p. 592).

Devido a acontecimentos de seu passado, tendo uma história de vida difícil e marcada por fins de relacionamentos e estupro, o choque psíquico pode ser associado a traumas adquiridos no decorrer de sua vida, portanto, sua “loucura” pode ter isso como princípio. Em certo momento, na sua narrativa, Estamira diz ter controle sob seu

estado de consciência, sabendo diferenciar os momentos que está lúcida e quando não está. Isso implica na observação de que ela pode se confundir com os conceitos e palavras que usa, porém, não minimiza a veracidade e propriedade da sua fala, possibilitando assim, dizer que Estamira é mais sã e consciente do que se parece.

Considerações Finais

A partir das discussões, levantamentos e o material lido, é errado julgar Estamira como louca, pois isso desqualifica o indivíduo enquanto possuidor de suas faculdades mentais, quando a mesma apresenta estar ciente de onde vive, quem é, o que faz e consegue problematizar sua existência. O que se leva a crer é uma possível contradição com o que se diz e o real significado das palavras, sendo assim, mais um problema de linguagem do que de psicológico. Não excluindo um possível estudo minucioso de caso, Estamira deixa uma indagação profunda acerca da linha tênue entre loucura e razão.

Referências

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Produção de Marcos Prado e José Padilha. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2007. (116 min.), DVD, son., color.

FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010. p 113-128.

SILVEIRA, Lia Carneiro; BRAGA, Violante Augusta Batista. **Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental**. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 13, n. 4, p. 591-595, jul/ago. 2005